

AS RELAÇÕES ENTRE OS ESTADOS CONSTRÓEM-SE PASSO A PASSO

(2.ª PARTE)



«As relações são preparadas, são construídas e vêm de certo momento porque há que criar as condições para que as relações sejam sólidas e não fiquem apenas como afirmações vagas de princípio e de boa-vontade a serem reafirmadas numa ou outra ocasião» — Ministro-Governador do Banco de Moçambique, Sérgio Vieira

Concluimos hoje a publicação das partes mais importantes da conferência de imprensa concedida pelo Ministro-Governador do Banco de Moçambique, Sérgio Vieira, aos jornalistas brasileiros que acompanharam o Ministro das Relações Exteriores do Brasil na sua recente visita a Moçambique.

PURIFICAÇÃO DAS NOSSAS FILEIRAS É UM PRINCÍPIO CONSTANTE

J. — Continuando um pouco nessa linha, ontem eu li o jornal local e falava-se em alguns problemas da distribuição da safra do milho e dizia-se lá que havia necessidade de purificação no sistema e se aludia a uma série de detenções que houve em certa província para fazer essa purificação. Gostaria de entender melhor isto. O que significa exactamente (....) esses companheiros que se deixaram aniquilar por balas de açúcar, essas pessoas que estão sendo purificadas como estão sendo tratadas, e onde vão parar exactamente?

S.V. — Temos vários casos. Eu penso que a experiência prática tem demonstrado como temos resolvido estes vários casos.

Há indivíduos que cometeram pequenas faltas. Há indivíduos que cometeram faltas médias e há

indivíduos que cometeram crimes. Se rouba, quando se faz um desvio de fundos, é um crime.

O nosso princípio tem sido sempre, e a nossa prática tem sido sempre, de denunciar o erro e nunca escondemos os erros. Pomos em público, pomos no jornal, pomos na rádio, pomos diante dos trabalhadores todos.

Quando são pequenas faltas que podem ser recuperadas naquele local de trabalho, a pessoa continua a trabalhar, é objecto de uma crítica pública e é apoiada a modificar os seus métodos e o conjunto dos trabalhadores o fazem. Em outros casos, nós sentimos que há uma incapacidade fundamental dessa pessoa em desempenhar esse tipo de tarefa. Cometeu faltas por incapacidade. Então, é preciso mudar a natureza da tarefa e vai para um outro sector onde também é apresentado o seu caso e explicado o seu caso, como é que as pessoas o devem apoiar.

Há, finalmente, o caso de crimes. O indivíduo que roubou, que desviou fundos, isso é matéria já

dos tribunais. Mas, de toda a maneira, no centro prisional, no centro de reeducação onde se encontra, o nosso objectivo principal é que aquele homem quando sai, sai como um elemento útil, um novo elemento que procedeu a uma ruptura importante com aquilo que foi o passado dele. Temos tido casos muito positivos e numerosos de elementos que foram condenados e que de novo estão reintegrados.

O princípio da purificação das nossas fileiras, é um princípio constante. Nós dizemos que a Revolução é como um rio. Um rio muito poderoso que à medida que se vai aproximando do mar, vai recebendo novas águas, novas forças, e por isso mesmo rejeita os pesos mortos para as margens. Se não rejeita estagna. Se estagna, apodrece.

AS RELAÇÕES SÃO PREPARADAS PARA QUE NÃO FIQUEM

COMO AFIRMAÇÕES VAGAS DE PRINCÍPIOS

J. — Gostaria de saber se agora que o Brasil e Moçambique estão assim a desenvolver relações amenas e o Brasil também já pagou parte da dívida (...) é o Brasil que tem vindo mais a Moçambique que Moçambique lá...

S.V. — Eu não estou a ver isto exactamente como um jogo de futebol, em que quem é que mete mais golos. Quem fez mais visitas... Não tenho a contabilidade das visitas feitas de parte a parte.

J. — Mas nós ainda não temos Embaixador seu lá e nos ressentimos muito disso....

S.V. — A abertura das Embaixadas obedece a um plano de trabalho. Não é só uma casa, por muito confortável que seja. A Embaixada são quadros.

J. — O senhor disse que não há uma contabilidade das visitas. As visitas diplomáticas são bem o termómetro das relações entre dois países.

S.V. — Podemos dizer que esta é a primeira visita ministerial entre os dois países e nesse sentido pois, podemos dizer que ou o Brasil ou Moçambique — não sei de que lado é que vamos dizer quem marcou o primeiro golo, se é o visitante se é o hospedeiro, mas esta é a primeira visita ao nível ministerial que situa-se ao nível mais elevado ministerial, uma vez que se trata do Ministro das Relações Exteriores. É uma visita de carácter eminentemente político. Penso que será certamente respondida como é a prática destas visitas. E então estaremos empatados. E depois continuaremos.

J. — Mas o que é que retarda o Governo de Moçambique a tentar fazer o seu golo também?

S.V. — Porque é que não me dirá o meu amigo, como brasileiro, o que é que impediu a equipa do Brasil de meter o seu primeiro golo?

Penso que a questão não se pode situar nesses termos. As relações são preparadas, são construídas e vêm de certo momento porque há que criar as condições para que as relações sejam sólidas e não fiquem apenas como afirmações vagas de princípio e de boa-vontade a serem reafirmadas numa ou outra ocasião.

J. — Mas o Governo de Moçambique foi durante muito tempo refractário às tentativas de aproximação do Governo brasileiro. E agora se criaram condições para que o Ministro das Relações Exteriores viesse aqui. Pois eu diria que isso poderia ser consequência da abertura política que se iniciou no Brasil. Ou que outros factores são responsáveis por isso?

S.V. — Primeiro está-me a informar que o Governo moçambicano era refractário...

J. — Será que o convite ao Secretário-Geral do Partido Comunista para o Dia Nacional Moçambicano significava para o Governo brasileiro um desprestígio, pelo menos....

S.V. — Bom, cada um interpreta como pode e a mais não é obrigado. Nós quando convidámos o Camarada Luís Carlos Prestes a visitar Moçambique, o convidámos como um companheiro de luta, um companheiro dos momentos difíceis que é muito querido pelo nosso Povo. Não pensamos que isso ofenda o Povo brasileiro.

J. — Não, o Povo não!

S.V. — A meu conhecimento, também o Governo brasileiro não fez qualquer protesto ou observação. De modo que não sei como interpretar o que disse.

J. — Mas a abertura da democracia brasileira, a melhoria (...).

S.V. — Eu penso que a resolução dos problemas dentro dum país contribui sempre para que esse país melhor se possa apresentar no ponto de vista externo. Costuma-se dizer que uma pessoa doente não sai de casa. Quando alguém está com febre fica em casa. E na medida em que existe uma resolução dos problemas em qualquer Estado, dos problemas que esse Estado enfrenta, pois ele está em melhores condições de no exterior prosseguir a uma política coerente.

Não estou com isso a dizer que o Estado brasileiro se encontrava ou não se encontrava doente. Fiz uma afirmação geral.

J. — Existia uma desconfiança de Moçambique em relação ao Brasil. Já terminou a desconfiança em relação ao Brasil ou persiste ainda algum vestígio?

S.V. — Volta de novo a pôr em nós aquilo que está a afirmar e põe como afirmação nossa o que

é sua afirmação. Está-me a afirmar que havia uma desconfiança de Moçambique em relação ao Brasil.

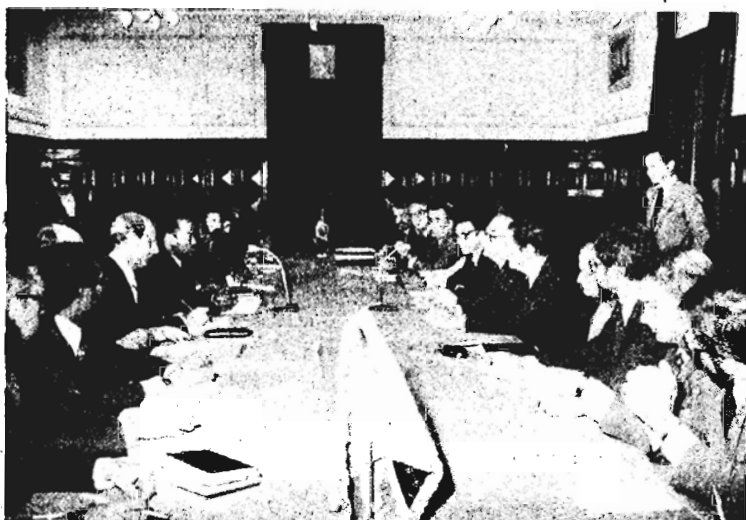
J. — O Governo brasileiro sempre disse que não havia desconfiança em relação a Moçambique. Como as relações não caminharam, a conclusão mais ou menos lógica é que a desconfiança existia.

S.V. — Bom, é a conclusão que se pode fazer. Nós nunca afirmámos que desconfiávamos do Brasil. Se nós pensamos que as relações se constroem e têm de se construir solidamente, e têm que se dar os passos necessários para se construírem relações de uma maneira sólida.

Nós, em princípio, não construímos relações em base de entusiasmos e emoções de momento. E pensamos que as relações entre Moçambique e o Brasil são relações sólidas e que era do interesse mútuo, de parte a parte, de as construir de uma maneira sólida. E podemos afirmar que, nessa medida, hoje a visita do Chanceler brasileiro consagra uma etapa determinada daquilo que já foi realizado e abre uma nova perspectiva. E sentimos que o terreno está sólido. Não fazemos relações como «flirts».

**UM PARTIDO TEM QUE SER INDEPENDENTE
SENÃO NÃO É UM PARTIDO**

J. — Tenho uma questão teórica. Os comunistas brasileiros discutem muito hoje no País uma linha eurocomunista e uma linha ortodoxa. Nessa questão que é muito interessante, muito apaixonante qual é a sua posição pessoal e talvez a posição discutida aqui em Moçambique? Diria interessado nessa tese eurocomunista, que particularmente os italianos têm analisado e desenvolvido uma posição de independência e de flexibilidade?



«Nós, em princípio não construímos relações em base de entusiasmos e emoções de momento. E pensamos que as relações entre Moçambique e o Brasil são relações sólidas e que era interesse mútuo, de parte a parte, de as construir de uma maneira sólida.»

S.V. — Como Partido, nós não ingerimos nos assuntos internos dos Partidos irmãos. Entendemos que cada Partido irmão é suficientemente adulto para saber determinar quais são as condições, quais são as fases, as etapas e os métodos, a estratégia e a tática do desenvolvimento do seu trabalho. Não nos compete a nós estar a dar lições aos outros, como os outros não nos vêm dar lições.

O Partido Comunista Brasileiro, o Partido Comunista Italiano, são Partidos irmãos, são Partidos adultos, que provaram em muitas ocasiões a sua maturidade. Compete a eles determinar a via mais correcta para o seu trabalho. Nós fizemos o mesmo.

J. — O senhor podia falar algo mais explícito? Eu entendi exactamente que o senhor nos disse que em Moçambique há uma linha independente....

S.V. — ...Não só em Moçambique. Um Partido tem que ser independente. Senão, não é um Partido, é uma federação do Comité Central que está noutro sítio. Ou é um Partido ou não é um Partido.

J. — O senhor acredita que em África se desenvolve um tipo de socialismo próprio do Continente, algo de novo

S.V. — ...O senhor acredita que em África vai-se desenvolver um tipo especial de matemática, de física, de química? Que o homem africano tem uma química diferente do homem europeu, do homem asiático?

J. — As condições culturais são diferentes.

S.V. — E depois?

J. — O senhor acredita que o marxismo é uma ciência?

S.V. — Como marxista direi que sim. Porque trabalhamos numa base científica. Não falamos no socialismo utópico.

Que, evidentemente, no nosso trabalho as condições específicas em cada momento e em cada sítio determinam métodos próprios, é óbvio. Quando estou a trabalhar em Moçambique, a maneira como trabalho na Província do Maputo não é exactamente a mesma em Niassa, e mesmo dentro da Província do Niassa quando estou no distrito de Lichinga e no distrito de Mecanheles os problemas podem-se apresentar de uma maneira diferente. E é tarefa da Direcção ter em atenção e prestar atenção devida à resolução correcta dos problemas como eles se apresentam.

Mas, não penso que exista em Moçambique o socialismo de Mecanheles que se vai comparar com a via socialista do Distrito da Moamba. Há um só socialismo.